

ARTIGO

INQUIETAÇÕES DIASPÓRICAS: UM PRELÚDIO VINDO DA
FOZ DO RIO AMAZONAS CONECTANDO PONTOS ENTRE
TRÊS AUTORES

Resumo

Este breve ensaio busca resgatar elementos contidos em três obras (HALL,2003; GIL ROY,2001; BHABHA,1998) que nos remetem a realidade de um universo diaspórico carregado de dilemas e inquietações vinculados às questões de fronteira, individualidade, diferença, pertencimento e reconhecimento daqueles que se estabelecem em uma territorialidade para além de suas raízes. As conexões entre as perspectiva caribenha, africana e indiana descortinam elementos invisíveis das várias “micro-diásporas” existentes, ou em formação, em cidades que estão em pleno processo de crescimento populacional na região amazônica, em especial nas terras amapaenses. Sem se ater a caracterizações regionais ou locais, o ensaio apenas destaca pontos considerados como poderosas fontes inspiradoras/provocadoras de mudança de paradigmas na forma como lidar com os processos políticos e culturais que envolvem identidade e pertencimento na Foz do Rio Amazonas, em especial nas terras Tucujús.

Palavras-Chave: Diáspora; Cultura; Pertencimento.

Abstract

This essay rescues elements within three works (Hall 2003; GIL ROY, 2001; BHABHA, 1998) which brings us the reality of a diasporic universe filled with dilemmas and concerns related to border issues, individuality, differences, belonging and recognition of those who settle in a territory beyond its roots. The connections between Caribbean, African and Indian perspective unveil invisible elements of several existing or developing “micro-diasporas” in cities that are in the process of population growth in the Amazon region, especially in Amapá land. This essay doesn’t limit itself to regional or local characterizations, it focuses on topics often considered as powerful sources of inspiration/provoking, which leads to paradigm shift on the way we deal with political and cultural matters which involves identity and belonging on river mouth Amazonas, especially on Tucujús’ lands.

Keywords: *Diaspora; Culture; Belonging.*

* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará-UFC; Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará-UECE; Professor da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP e Pesquisador Líder do Núcleo de Estratégia, Gestão e Estudos Organizacionais-NEGEO/UNIFAP. E-mail: alexandregalindo@bol.com.br

Olhando para as Pontas dos Fios: Ensaio Inquietações Diaspóricas

Na primeira parte da obra *Da Diáspora: identidades e mediações*, o “Jamaicano/Inglês” Stuart Hall, discorre sobre a Diáspora e a Questão Multicultural, refletindo sobre elementos preliminares que se apresentam como fundantes em uma perspectiva teórica dos estudos sociais fundamentada na dimensão cultural, buscando também efetuar um pensar não reducionista sobre as relações existentes entre o social e o simbólico. Ancorado na Diáspora Caribenha como um fenômeno passível de se tornar unidade de análise (em especial formada pelos migrantes residentes no Reino Unido), Stuart Hall apresenta a identidade e pertencimento como elementos fortemente relacionados aos conceitos de nação como “comunidades imaginadas” e de família como rede e local de memória nas comunidades transnacionais.

O “Guianense/inglês” Paul Gilroy, também centrado na perspectiva dos estudos culturais, desenvolve na obra *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, reflexões sobre o fenômeno diaspórico, explorando as relações relevantes entre raça, cultura, nacionalidade e etnia vinculadas às histórias e culturas dos cidadãos negros do Reino Unido. Entretanto, mesmo também concebendo a Diáspora Caribenha como um fenômeno passível de se tornar unidade de análise, Gilroy sugere o Atlântico Negro como proposta de unidade analítica, única e complexa para o estudo sociológico da cultura (onde os navios são citados também como unidades culturais e políticas), envolvendo os fluxos econômico-culturais desenvolvidos entre Caribe, Estados Unidos, África e Reino Unido desde o século XVIII.

No livro *O local da Cultura*, o “Indiando/inglês” Homi Bhabha discorre sobre a relação sujeito colonizado/colonizador, estabelecendo olhares sobre a perspectiva de fronteiras banhadas por construções fundamentadas em discursos de poder que estabelecem relações de dominação/superioridade de um povo sobre outro. Em sua parte introdutória, Bhabha desenvolve reflexões vinculadas à fronteira, individualidade, diferença e pertencimento/reconhecimento, para depois apresentar reflexões sobre questões fundamentais de uma postura epistemológica de enfrentamento e estudo da realidade social.

Ao se conceber a identidade (sobre o ponto de vista diaspórico), Stuart Hall nos remete ao cuidado de não vê-la como monolítica, única, singular ou refletindo exclusivamente os mesmos traços culturais da “terra de origem” de outrora. Neste contexto, são apontadas também fortes semelhanças com outras populações consideradas como minorias, com identidades emergentes vinculadas aos “negros britânicos”, com as características culturais de localidades representadas por assentamentos

e com as reidentificações simbólicas contemporâneas das culturas africanas e afro-americanas.

Sobre este prisma, as identidades são apontadas como dinamicamente múltiplas e integradas em uma diáspora que surge como elemento constitutivo e contribuinte, sendo difícil para o observador atento empreender uma percepção “fechada” de identidade cultural apoiada em uma visão binária de diferença. É sobre esta percepção, que o hibridismo se destaca como fenômeno comum nas conformações fundamentais e estéticas das culturas e identidades construídas e reconstruídas, em uma plena relação de poder que perpassa a história do Reino Unido e Caribe desde os primórdios da modernidade até os dias atuais.

Paul Gilroy também identifica claramente esta hibridização quando realiza o enfrentamento da visão moderna (essencialista de base ontológica) com a visão contemporânea (pluralista) de identidade e nacionalidade negra. Na sua análise, a perspectiva essencialista

[...] atualmente enfrenta uma posição pluralista que afirma a negritude como um significante aberto e busca celebrar representações complexas de uma particularidade negra *internamente* dividida: por classe, sexo, gênero, idade, etnia, economia e consciência política. [...] Aqui, as qualidades polifônicas da expressão cultural negra constituem a principal consideração estética, e muitas vezes há uma fusão incômoda mas estimulante de técnicas e estilos modernistas e populistas.” (Gilroy, p.87).

Tanto Stuart Hall, quanto Gilroy, percebem neste processo hibridizante, um contínuo confronto com os modelos tradicionais de identificar e singularizar o estado, a nação, o território e a cultura, fundamentados em uma abordagem classificadora e hierarquizante.

[...] é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. [...] a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. [...] As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam (Hall, p.40).

As experiências de viagem de Du Bois levantam da forma mais aguda possível uma questão comum às vidas de quase todas essas personalidades que começam como afro-americanos ou caribenhos e depois são transformadas em alguma outra coisa que escapa a esses rótulos específicos e, com eles, a todas as noções fixas de nacionalidade e identidade nacional. Quer sua experiência de exílio seja forçada ou escolhida, temporária ou permanente, esses intelectuais e ativistas, escritores, oradores, poetas e artistas articulam um desejo de escapar aos laços restritivos de etnia, identificação nacional e, às vezes, até da própria “raça”. (Gilroy, p.64-65).

Entretanto, enquanto Stuart Hall alerta que estes movimentos podem, em alguns casos, reproduzir os princípios das configurações modernistas utilizadas nos processos da própria de colonização, Gilroy apresenta preocupações sobre a utilização não crítica do jargão em voga de uma diferença cultural absoluta, na medida em que se pode reconduzir o processo diretamente de volta a um status “fechado” de nacionalidade em um mundo globalizado que vem atribuindo à cidadania nacional um significado novo e mais “aberto”.

Bhabha também chama a atenção para o relativismo das culturas nacionais, que em suas manifestações radicais levam ao aparecimento de extremismos odiosos, na medida em que

[...] a própria ideia de uma identidade nacional pura, “eticamente purificada”, só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade moderna. (Bhabha, p.24).

Vale destacar que na dinâmica globalizante, as forças dominantes homogenizadoras e as tendências locais de expressão são indicadas como processos opostos que se encontram em funcionamento nas formas contemporâneas de globalização, onde “fundamentalismos unificadores” se confrontam com “oposições” oriundas da miscigenação cultural.

Hall sugere que o velho modelo Centro-periferia e cultura-nacionalista-nação estão em pleno desabamento, nos remetendo a uma abordagem “aberta” de identidade cultural da diáspora contemporânea, que não se apega a modelos fechados/unitários/homogêneos de pertencimento cultural, e sim, incorpora os processos ampliados integradores de semelhanças e diferenças que continuamente engendram e transformam a cultura no mundo inteiro.

Sobre a dimensão endógena, Gilroy percebe também este desabamento dentro da própria diáspora ao analisar as ideias de nacionalidade expressas na música negra ocidental. Para ele,

Os temas da nacionalidade, do exílio e da filiação cultural acentuam a inegável fragmentação e diferenciação da questão negra. Esta fragmentação recentemente se tornou mais complexa pelas questões de gênero, sexo e dominação masculina, que têm se tornado inevitáveis devido às lutas das mulheres negras e manifestações de gays e lésbicas negros. (Gilroy, p.92).

Este fato também é percebido por Bhabha para além de uma dimensão diaspórica. Conforme aponta, banhado no novo internacionalismo, as culturas nacionais, ao invés de monolíticas, se configuram cada vez mais como produto gerado das diferenças existentes nos interstícios das lutas pelo poder de grupos que integram o tecido social, incluindo cada vez mais, as perspectivas das minorias destituídas se se fazem presentes nos campos de disputa.

Neste ponto, Stuart Hall destaca a questão do multiculturalismo como elemento essencial integrante nas reflexões sobre a questão de como pensar a teoria cultural, na medida em que o termo (mesmo possuindo limitações, críticas e riscos de se tornar doutrina política) se apresenta como representativo das “estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (p.57). Mesmo o fim do velho sistema colonial europeu e o fim da guerra fria sendo considerados como intensificadores do multiculturalismo, a sociedade contemporânea pós-colonialista ainda carrega traços do colonialismo identificados nas relações marcadas pelas lutas entre forças sociais nativas (frente suas contradições e/ou interesses desestabilizantes no interior da sociedade descolonizada), bem como, entre estas forças sociais e o sistema global como um todo.

Diferentemente do modelo clássico iluminista baseado em um binarismo vertical Tradicional/Moderno, as tendências contemporâneas de dominação nas dimensões dos poderes cultural, econômico e tecnológico, são obrigadas a incorporar, em seu bojo Vertical/homogeneizante, a proliferação das diferenças “locais” como conexões laterais, gerando como consequências transruptivas diretas a reavaliação das concepções de raça e etnia, a relativização da concepção das culturas como unidades distintas com limites claros e bem definidos e o questionamento das fundações do estado constitucional liberal. Baseado nestas reflexões, Stuart Hall defende a construção de novas esferas públicas heterogêneas e pluralísticas, caracterizadas por uma ambiência capaz de obrigar todos os particulares a negociarem dentro de horizontes mais amplos sem que percam suas diferenças intrínsecas.

Nesta sugestão emergente de configurações de espaços, vale também incluir a proposta de Gilroy voltada para que se repensem e se façam releituras das expressões culturais contemporâneas “não só como uma sucessão de *tropos* e gêneros literários, mas como um discurso filosófico que rejeita a separação moderna, ocidental de ética e estética, cultura e política” (Gilroy, p. 98).

Oportuno também se faz o posicionamento de Bhabha, quando destaca o campo da diferença cultural como *locus* de diálogo/tradução/mediação de uma teoria/engajamento político necessário ao contemporâneo, quando afirma que

[...] devemos rehistorizar o momento da “emergência do signo”, “a questão do sujeito” ou a “construção discursiva da realidade social”, para citar uns poucos tópicos em voga na teoria contemporânea. Isto só pode acontecer se relocarmos as exigências referenciais e institucionais desse trabalho teórico no campo da diferença cultural e *não da diversidade cultural*. (Bhabha, p.61).

Entretanto, em um posicionamento crítico frente à ambivalência das enunciações culturais, Bhabha apresenta o Terceiro Espaço de enunciações (entendido como campo representativo de toda a gama contraditória e conflitante de elementos linguísticos e culturais) como condição prévia para articulação da diferença cultural. Neste sentido,

É significativo que as capacidades produtivas deste Terceiro Espaço tenham proveniência colonial ou pós-colonial. Isso porque a disposição de descer àquele território estrangeiro pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceituação de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura. [...] Ao explorar este Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir com os outros de nós mesmos. (Bhabha, p.69).

Vale destacar que a mudança de perspectiva, voltada para conceber uma nova lógica política multicultural, defendida por Stuart Hall, carrega em si apelos no sentido da adoção de estratégias vigorosas e “descomprometidas” de erradicação do racismo, da exclusão e da inferiorização, respeitando os limites constantemente apresentados pelas novas circunstâncias multiculturais das diferenças que se apresentam constantemente na inter-relação entre os diversos povos e grupos sociais. Duas condições são indicadas como necessárias para a efetividade desta lógica: a expansão e radicalização das práticas democráticas e a contestação sem trégua das formas de “fechamento” racial ou étnico. A garantia dessas duas vias de acesso representam canais legitimadores que, de certa forma, configuram as zonas do “limite democrático ou cosmopolita das alternativas liberais e comunitárias” (Hall, p. 100).

Ao percorrer o caminho da troca de ideias apresentadas pelas obras mencionadas acima percebemos o destaque dado aos estudos culturais como meio de abordar o fenômeno da diáspora negra (considerada por Gilroy como segunda diáspora) em

seus dilemas contemporâneos frente às questões de identidade e pertencimento em um mundo cujas fronteiras, em vários aspectos, cada vez mais se tornam diluídas e indiferenciadas.

Entretanto, dois pontos se evidenciam como necessários para um entendimento mais contextual e ampliado. Primeiro diz respeito ao fato de que as assimetrias apontadas entre as culturas negras sobre as perspectivas do tempo (ontem/hoje; modernidade/pós-modernidade) e do espaço (centro/periferia; essencialismo-demarcador/pluralismo-ampliador) se situam predominantemente nas relações vinculadas ao eixo Europa Ocidental, América do Norte e Reino Unido, devendo se ter o devido cuidado frente às generalizações apresentadas no que diz respeito às comunidades negras em geral. Sem esta atenção incorremos no risco de nos tornar míopes e inclusive importarmos, sem a devida diferenciação, modelos de representação que não representam plenamente a realidade existente no Brasil e na América Latina.

O segundo ponto está relacionado ao fato de que, por mais que a questão da diáspora negra tenha sido destacada nas obras (com menor ênfase no texto de Bhabha), os três autores demonstram a intenção implícita de ampliar seus questionamentos para além de uma fronteira fortemente demarcada e restritiva de raça, etnia e naturalidade/nacionalidade. Sobre este ponto, os três trabalhos se apresentam como poderosas fontes inspiradoras/provocadoras de mudança de paradigmas na forma como lidar com os processos políticos e culturais que envolvem identidade e pertencimento na consolidação das territorialidades em várias nações, inclusive em terras brasileiras e Tucujús.

Sobre este ponto de vista, e sob o “Céu do Equador”, não só a diáspora negra, como também os diversos grupos oriundos de migrações internas ou nacionais compartilham, como micro-diásporas, inquietações e dilemas similares descortinados por Stuart Hall, Paul Gilroy e Homi Bhabha. Estas inquietações e dilemas diaspóricos se embutem nas vozes, muitas vezes silenciadas/silenciosas, daqueles que também integram o tecido (trans)formador da sociedade amazônica.

A giza de uma conclusão provocativa, voltada para ampliar ainda mais nosso horizonte reflexivo, vale sugerir que algumas andorinhas já sobrevoam as terras do Amapá, no lado norte da Foz do Rio Amazonas, indicando a emergência de uma nova primavera que traz consigo elementos impulsionadores de mudanças. Dentre elas, acredito ser oportuno destacar a matéria sob o título “Amapaense da Gema” divulgada em um Blog na Internet, chamado Amapaense de Coração, em outubro de 2012:

A maioria das famílias amapaenses de hoje são famílias oriundas de outros estados, principalmente dos estados nordestinos e do estado do Pará. Doravante, está surgindo uma nova geração de amapaenses, cujos pais são naturais de outro estado da Federação, mas tiveram seus filhos aqui nesse estado maravilhoso. Então, se percebe que os filhos que estão nascendo não são considerados como os chamados “amapaenses da gema”. Mas, ao longo da convivência e da experiência adquirida neste estado, estão se tornando um autêntico Tucuju. Mas o que quer dizer amapaense da gema? Ser amapaense da gema nada mais é do que amar essa terra mesmo nascido em outra cidade, respeitar as pessoas que aqui residem, respeitar o rio Amazonas, falar para os parentes que moram em outro estado, que aqui tem a mais bonita e preservada fortaleza do Brasil a Fortaleza de São Jose de Macapá, é viajar e não conseguir passar mais de uma semana longe dessa terra é comer Camarão no Bafo com a família na beira rio e almoçar no Mercado Central. Bem, eu e minha esposa não somos desta paragem, nascemos no Pará. Porém, ela chegou em 1994 para trabalhar como professora no quadro estadual, eu cheguei 2002 nesta cidade, assim ao longo de nossa caminhada nos encontramos e tivemos o privilégio de termos a pequena Catarina que nasceu no Hospital São Camilo em 2007. Espero um dia ser agraciado, assim como algumas personalidades que vieram de outros estados e construíram suas vidas aqui, receber o Título CIDADÃO AMAPAENSE da Assembleia Legislativa do Amapá. (COSTA, 2012)

Bhabha nos relembra Heidegger, em sua epígrafe introdutória, ao afirmar que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconhecem, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (Bhabha, p.19). Com estas palavras tecemos as considerações finais da presente reflexão, sugerindo amplia-la em novos ensaios e estudos empíricos ao olharmos para as identidades que integram nossa terra.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COSTA, Marcio Carrera. **Amapaense da Gema**. Macapá, 4 out. 2012. Disponível em: <<http://mrccarrera.blogspot.com.br/2012/10/amapaense-da-gema.html>> Acesso em: 29 jul. 2014.

GIL ROY, Paul. **O atlântico negro**: Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.